

GABRIELA MISTRAL

UMA MULHER QUE AMOU

POR MON GONZÁLEZ FERRÁN

GABRIELA MISTRAL: UMA MULHER QUE AMOU

*Homenagem a Artur Nils Lundkvist,
Laura Rodig, Palma Guillén e Doris Dana*

1. INTRODUÇÃO

Gabriela Mistral foi a primeira mulher a quem a história atribuiu um Prémio Nobel da Literatura pela sua poesia, concretamente em 1945, e a primeira pessoa ibero-americana a receber esse prémio.

Esta homenagem a Gabriela Mistral está dividida em quatro partes (Gabriela, a professora; Gabriela, a diplomata; Gabriela, a poetisa; e o seu legado), nas quais se procurará centrar a atenção apenas numa parte da sua produção poética: **a da Gabriela que amou e, de forma tangencial, a da Gabriela, a mística moderna.**

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Gabriela, a professora: Amava as crianças a quem ensinava e pelo futuro menos sombrio das quais lutava

Gabriela Mistral é o pseudónimo literário de uma mulher que nasceu com o nome de **Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayata**. Um pseudónimo que retirou de um escritor que ela adorava: Frédéric Mistral, escritor do sul de França; que recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1904; e que foi um homem de extrema sensibilidade e de uma luta político-linguística apaixonada pela valorização da sua língua, o occitano.

Gabriela nasceu em Vicuña, província de Elqui, região de Coquimbo, mais ou menos no centro da longa faixa que é o Chile, a **7 de abril de 1889**. Em Vicuña, ainda existe [um museu](#) na casa onde ela nasceu.

Gabriela começou a trabalhar como professora auxiliar aos 16 anos, em 1904, na Escola da Compañía Baja, em La Serena. A partir de 1908, trabalhou já como **professora** na localidade de La Cantera e, posteriormente, em Los Cerrillos, a caminho de Ovalle. E foi professora, apesar de não ter estudado, pois não tinha dinheiro para tal. Foi mais uma autodidata, tal como Miguel Hernández.

Posteriormente, em 1910, aos 22 anos, **validou** os seus conhecimentos na Escola Normal n.º 1 de Santiago e obteve o título oficial de *Professora do Estado*, o que lhe permitiu exercer o magistério no ensino secundário. Este facto granjeou-lhe **a rivalidade dos seus colegas**, uma vez que recebeu este título através da validação dos seus conhecimentos e experiência, sem ter frequentado o Instituto Pedagógico da Universidade do Chile. Gabriela começou rapidamente a despertar inveja nos círculos pedagógicos machistas que a rodeavam. E ninguém como ela sintetizou os mandamentos pelos quais os professores e professoras devem reger-se, tal como Gabriela o fez no seu «**Decálogo do Professor**».

DECÁLOGO DO PROFESSOR

AMA: Se não consegues amar muito, não ensines crianças
SIMPLIFICA: Saber é simplificar sem retirar a essência.
INSISTA: Repita, tal como a natureza repete as espécies até alcançar a perfeição.
ENSINA: Com intenção de beleza, porque a beleza é a mãe.
PROFESSOR: Sê fervoroso. Para acender lâmpadas, tens de levar fogo no teu coração.
Dê vida à sua aula. Cada aula deve ser viva como um ser.
CULTIVA-TE: Para dar, é preciso ter muito.
LEMBRA-TE: que a tua profissão não é uma mercadoria, é um serviço divino.
ANTES de dar a tua aula diária, verifica se o teu coração está puro.
REFLETE: sobre o facto de Deus te ter encarregado de criar o mundo de amanhã.

Gabriela viveu e ensinou por todo o Chile, desde Antofagasta, no extremo norte, até ao porto de Punta Arenas, no extremo sul, onde dirigiu o seu primeiro liceu e dinamizou a vida da cidade. Em 1921, aos 32 anos — a mesma idade em que Miguel Hernández morreu numa prisão franquista em Alicante —, Gabriela Mistral aspirava a um novo desafio, depois de ter dirigido dois liceus de pésima qualidade. Concorreu e conquistou o prestigiado cargo de diretora do Liceu n.º 6 de Santiago, mas os professores não a receberam bem, repreendendo-a pela falta de formação profissional.

O facto de ser incompreendida e desprezada pelos homens invejosos que a rodeavam foi talvez o que levou definitivamente Gabriela a deixar para trás o seu amado Chile natal, tornando-se uma educadora de destaque para além das fronteiras do Chile. E assim, a 23 de junho de 1922, Gabriela Mistral partiu para o México a bordo do vapor «*Orcoma*», a convite do então ministro da Educação mexicano, José Vasconcelos. Lá permaneceu quase dois anos, trabalhando com os intelectuais mais destacados do mundo de língua espanhola da época. E, a partir daí, viajou por outros países da Ibero-América, como a República Dominicana, Cuba ou a Nicarágua, pelos EUA e pela Europa, estudando as escolas e os métodos educativos desses países.

2.2. Gabriela, a Diplomata

Estas viagens como «Professora do Mundo e para o Mundo» foram alternadas com os seus primeiros passos na diplomacia. Assim, em meados da década de 1920, após uma digressão pelos Estados Unidos e pela Europa, regressou ao Chile, onde a situação política era tão tensa que se viu obrigada a partir novamente, desta vez para exercer funções na Europa como secretária de uma das secções da Liga das Nações, em 1926. Nesse mesmo ano, assumiu o cargo de **secretária do Instituto de Cooperação Internacional da Sociedade das Nações, em Genebra.**

Em 1933, Gabriela Mistral iniciou formalmente a sua carreira diplomática e trabalhou, durante um período de vinte anos, como cônsul do Chile em cidades da Europa e da América, sucessivamente. Por trás desta etapa, pelo menos no seu início, é possível ver a mão amiga de Pedro Aguirre Cerda, que foi seu professor nos primeiros tempos, licenciado no Chile e doutorado na Sorbonne; a quem Gabriela conheceu em 1916; a quem Gabriela dedicou o seu livro de poemas «Desolação»; a quem Gabriela

inspirou a escrever o «Problema Agrário» (1929), livro que lhe está dedicado; que, em , regressou definitivamente ao Chile do exílio em 1930; e que foi presidente do Chile entre 1938 e 1944.

Gabriela Mistral iniciou a sua carreira diplomática como cônsul em **Madrid**, entre julho de 1933 e outubro de 1935. Posteriormente, em outubro de 1935, foi nomeada cônsul em **Lisboa**, cargo que ocupou até maio de 1936, altura em que foi nomeada cônsul no **Porto**. Esteve na **Guatemala** entre novembro de 1936 e dezembro de 1938 como cônsul-geral honorária e em **Nice** desde dezembro de 1938 a janeiro de 1940. Em janeiro de 1940, foi destacada para **Niterói** (cidade do estado do Rio de Janeiro, Brasil). A partir de janeiro de **1941**, mudou-se para **Petrópolis** (cidade do mesmo estado brasileiro), cidade onde recebeu a notícia do Prémio Nobel em **1945**.

No final de 1945, regressou aos Estados Unidos, desta vez como Cônsul-Geral em **Los Angeles** (EUA) e, com o dinheiro ganho com o prémio, comprou uma casa em **Santa Bárbara** (EUA), onde foi nomeada Cônsul em 1947. Em junho de 1950, foi nomeada cônsul em **Veracruz** (México) e, a partir de novembro de 1950, foi cônsul e, posteriormente (outubro de 1951), cônsul-geral em **Nápoles**. Em dezembro de 1952, foi nomeada cônsul na **Flórida** (EUA). E, a partir de agosto de **1953**, foi cônsul adjunta em **Nova Iorque**, cargo que ocupou até à sua morte, em **1957**.

2.3. Gabriela, a Poetisa: Rainha da Literatura Ibero-americana e Mulher que Amou

2.3.1. Gabriela, a Poetisa: Rainha e Embaixadora da Literatura Ibero-americana

A **12 de dezembro de 1914**, ganhou o **primeiro prémio no concurso literário dos Jogos Florais**, organizado pela Federação de Estudantes da Cidade do Chile (FECh) em Santiago, pelos seus «Sonetos da Morte».

Este poema está incluído na sua **primeira obra**, «**Desolación**», lançada em Nova Iorque em **1922** e publicada pelo Instituto de Las Españas, por iniciativa do seu diretor, Federico de Onís. Na minha opinião, **trata-se da sua obra-prima**. No entanto, apesar de ser um livro elaborado com muita boa vontade pelo diretor do Instituto de Las Españas, com o desejo sincero de a dar a conhecer ao mundo, creio que carece, na sua estrutura, de coerência e de lógica.

Em **1924**, dois anos depois, quando Gabriela tinha 33 anos, foi publicado o seu segundo livro de poesia: «**Ternura**». A **1938**, a os 49 anos, publicou «**Tala**», o seu terceiro livro de poesia. E a **1954**, a os 65 anos, publicou o seu quarto e último livro de poesia: «**Lagar**».

Entre o seu terceiro e quarto livro de poesia, a **10 de dezembro de 1945**, com quase 57 anos, recebeu o **Prémio Nobel da Literatura** das mãos do Rei Gustavo V da Suécia. Foi a quinta mulher na história dos Prémios Nobel da Literatura, desde o início destes prémios em 1901, a recebê-lo [as quatro que a precederam foram: a sueca Selma Lagerlöf em 1909; a italiana Grazia Deledda em 1926; a norueguesa nascida na Dinamarca Sigrid Undset em 1928; e a norte-americana criada na China, Pearl S. Buck, em 1938], mas foi a primeira mulher a recebê-lo exclusivamente pela sua poesia, mais concretamente, como se afirmou naquela cerimónia de entrega: «**pela sua poesia lírica**».

que, inspirada por emoções poderosas, transformou o seu nome num símbolo das aspirações idealistas de todo o mundo latino-americano».

Gabriela **foi a primeira pessoa ibero-americana** a receber um Prémio Nobel da Literatura. O facto de essa primeira pessoa ter sido uma mulher foi algo que muitos homens nunca lhe perdoaram. Na cerimónia de entrega do prémio, foi apelidada de «rainha da literatura latino-americana». Dado que o termo «latino-americana» é um galicismo inventado pelos franceses para tentar marcar a sua influência nas Américas, prefere-se utilizar a palavra «ibero-americana»; por isso, chamo-a neste epígrafe de **«Rainha da Literatura Ibero-americana»**, em homenagem a essa comunidade ibero-americana, que nos une à Península Ibérica e à América, e que se tem vindo a articular desde o início dos anos 90, num puro espírito mistraliano, sob a égide das [Cimeiras Ibero-americanas](#): a I em 1991, em Guadalajara, no México, país onde Gabriela foi mais bem e mais justamente venerada; e a VI em 1996 e a XVII em 2007, no seu Chile natal. E, tendo sido diplomata durante metade da sua vida, ela teria ficado encantada se a tivessem nomeado — ela que foi Cônsul-Geral, mas nunca Embaixadora — **«Embaixadora da Literatura Ibero-americana»**, que é o que acredito firmemente que ela foi.

Quer-se também prestar aqui uma homenagem sincera a **Artur Nils Lundkvist (1906-1991)**, poeta e escritor sueco, membro efetivo da Academia Sueca da Língua desde 1968, pacifista convicto durante a dura Guerra Fria e que foi quem traduziu, uma vez que tinha aprendido espanhol e francês de forma autodidata e com dicionários, todos os grandes literatos para o sueco, graças ao que a Academia lhes foi atribuindo o Prémio Nobel. Em 1936, juntamente com a sua esposa, a também poetisa sueca María Wine, tinha visitado Espanha e a Ibero-América. O que pouca gente sabe é que ele foi o primeiro a traduzir Gabriela Mistral para o sueco e que foi graças à sua tradução e luta que Gabriela Mistral recebeu o Prémio Nobel, pois os tradutores, mesmo que sejam autodidas como este senhor, podem fazer milagres e ultrapassar abismos. Tanto Gabriela como Artur partilhavam o facto de serem poetas, pacifistas e espirituais. Tanto Pablo Neruda, como Gabriel García Márquez, como Camilo José Cela, agradeceram-lhe expressamente o seu Prémio Nobel. De facto, desde que ele faleceu em 1991, ninguém mais traduziu para o sueco durante muito tempo e foi por isso que demoraram dez anos a voltar a atribuir o Prémio Nobel a um falante de espanhol. Agradeço a **Gerardo Hernández Roa**, professor chileno radicado na Suécia desde a década de 1980, pela informação sobre Lundkvist.

2.3.2. Gabriela: Uma Grande Mulher que Amou Todas as Pessoas e Toda a Humanidade

2.3.2.1. Gabriela Amou Homens

Falar-se-á aqui de três homens com nomes e apelidos. Os amores que Gabriela lhes profesou são difíceis de classificar, pois nenhum deles foi seu marido oficial. No entanto, os três têm um fio condutor comum: todos se suicidaram.

2.3.2.1.1. Romelio Ureta: o seu amor de juventude

E embora Gabriela Mistral **tenha sido muito discreta quanto à sua vida pessoal** e se saiba pouco sobre os amores ou desamores que teve, o que muitos estudiosos salientam é que por trás de «Desolação» existe um grande desamor. E, mais concretamente, por

trás de «Sonetos da Morte», o seu primeiro poema premiado e incluído no seu primeiro livro de poesia «Desolação», estaria um homem. Isto é confirmado por um estudo de Ana María Cuneo incluído na Antologia sobre Gabriela Mistral que as 22 Academias da Língua Espanhola publicaram a título comemorativo em 2010. Ana Cuneo afirma no seu ensaio — e cito textualmente —: «Lucila conheceu Romelio Ureta em 1906, em La Serena, onde ele trabalhava nos caminhos-de-ferro... Pouco depois, encontraram-se numa pensão em La Cantera, onde ela era professora... Em novembro de 1909, Ureta suicidou-se por motivos financeiros».

E sabemos que o poema «**Sonetos da Morte**» foi premiado em 1914, mas, devido à pressa com que «Desolação» foi publicada, desconhecemos o ano exato em que esse poema foi escrito, embora possa muito bem ter sido após o suicídio de Romelio, em 1909.

Em 1914, quando este poema foi premiado, Miguel Hernández tinha apenas quatro anos, mas talvez o tenha lido. Lembra-se tanto da sua «Elegia por Ramón Sijé»! Nunca se saberá ao certo se foi a Gabriela que o inspirou, mas se em La Serena havia rosas, em Alicante havia amendoeiras em flor:

SONETOS DA MORTE

I

Do nicho gelado onde os homens te colocaram,
vou-te trazer para a terra humilde e ensolarada.
Que nela vou adormecer, os homens não sabiam,
e que vamos sonhar na mesma almofada.

Vou deitar-te na terra ensolarada com uma
doçura de mãe para o filho adormecido,
e a terra tornar-se-á um berço de suavidade
ao receber o teu corpo de criança sofrida.

Depois, irei espalhando terra e pó de rosas,
e na leve e azulada poeira da lua,
os restos leves ficarão ali presos.

Afastar-me-ei cantando as minhas belas vinganças,
pois a essa profundidade recôndita, a mão de ninguém
descerá para disputar comigo o teu punhado de ossos!

II

Este longo cansaço tornar-se-á ainda maior um dia,
e a alma dirá ao corpo que não quer continuar
arrastando a sua massa pelo caminho rosado,
por onde caminham os homens, felizes por viver...

Sentirás que ao teu lado cavam com ânimo,
que outra adormecida chega à cidade tranquila.
Esperarei que me tenham coberto por completo...
e depois falaremos por toda a eternidade!

Só então saberás por que razão a tua carne ainda não amadurece,
a tua carne ainda para os ossos profundos,
tiveste de descer, sem cansaço, para dormir.

Haverá luz na zona dos sinos, agora escura;
saberás que na nossa aliança havia um sinal dos astros
e, quebrado o enorme pacto, tinhas de morrer...

III

Mãos maléficas tiraram-te a vida desde o dia
em que, a um sinal dos astros, deixaste o teu canteiro
coberto de lírios. Florescia em alegria.
Mãos perversas invadiram-no tragicamente...

E eu disse ao Senhor: «Pelos caminhos mortais
o levam. Sombra amada que não sabem guiar!
Arranca-o, Senhor, dessas mãos fatais
ou mergulha-o no longo sono que sabes conceder!

Não consigo gritar por ele, não consigo segui-lo!
A sua barca é empurrada por um vento negro de tempestade.
Devolve-o aos meus braços ou ceifas-o no auge da flor».

A barca cor-de-rosa da sua vida parou...
Será que não sei o que é o amor, que não tive piedade?
Tu, que vais julgar-me, compreendes isso, Senhor!

2.3.2.1.2. Stefan Zweig: o seu grande amigo

Stefan Zweig — filho de pais judeus, escritor austríaco nascido em Viena, um dos escritores mais lúcidos da Europa do período entre as duas guerras, embora os seus livros tenham sido proibidos pelo nazismo em 1936, e grande amigo de Gabriela — vivia também em Petrópolis desde 1941, para onde chegou com a sua segunda esposa, Charlotte Elisabeth Altman, fugindo do nazismo alemão. **A 22 de fevereiro de 1942, Stefan e a sua esposa**, desesperados por acreditarem que o nazismo iria ocupar o mundo, **suicidaram-se em Petrópolis**.

2.3.2.1.3. Juan Miguel Pablo Godoy Mendoza: o seu filho adotivo: O SEU FILHO

Carinhosamente conhecido como «Yin yin», este rapaz deve ter nascido entre maio e junho de 1925. A árvore genealógica disponível na Internet explica a sua filiação direta como filho de um primo em primeiro grau de Gabriela, Carlos Godoy, que era marinheiro mercante, e de Marta Mendoza, que tinha falecido em Genebra em 1926. **Gabriela Mistral adota-o em Barcelona, em março de 1926, e cria-o e ama-o como se fosse seu próprio filho**. Desde então, o rapaz acompanha-a pelo mundo. **A 14 de agosto de 1943**, enquanto Gabriela se encontrava em Petrópolis (Brasil), o seu filho **suicida-se**, logo após ter completado 18 anos. O terceiro suicídio de pessoas queridas e próximas de Gabriela num ano e meio. O poema seguinte, «**A abandonada**», incluído no seu livro de poesia «Lagar», pode muito bem ter sido escrito após esse suicídio e está dedicado a «Emma Godoy», provavelmente outra prima sua, irmã do pai biológico do menino e tia de Yin Yin.

A ABANDONADA

Agora vou aprender
o país da amargura,
e a desaprender o teu amor
que era a minha única língua,
como um rio que esquecesse
o leito, a corrente e as margens.

Por que trouxeste tesouros
se não trazias o esquecimento?
Tudo me sobra e eu próprio sou um excesso,
como um traje de festa para uma festa que não aconteceu;
tanto, meu Deus, que me sobra
a minha vida desde o primeiro dia!

Dai-me agora as palavras
que a ama não me deu.
Vou balbuciá-las como um louco
de sílaba em sílaba:
a palavra «pilhagem», a palavra «nada»,
e a palavra «fim»,
mesmo que se contorçam na minha boca
como víboras mordidas!

Sentei-me no meio da Terra,
meu amor, a meio da vida,
para abrir as minhas veias e o meu peito,
para me descascar como uma romã viva,
e a partir a caoba vermelha
dos meus ossos que te amavam.

Estou a queimar o que tivemos:
as paredes largas, as vigas altas,
desencaixando, uma a uma,
as doze portas que abria
e tapando com golpes de machado
o cisternão da alegria.

Vou espalhar, em rajada,
a colheita de ontem,
esvaziar odres de vinho
e soltar as aves cativas;
a partir, tal como o meu corpo,
os membros da «quinta»
e a medir, com os braços erguidos,
a pilha de cinzas.

Como dói, como custa,
como eram divinas as coisas,

e não querem morrer, e queixam-se ao morrer,
e abrem as suas entranhas vivas!
Os pedaços de lenha compreendem e falam,
o vinho, ao subir, observa
e o bando de pássaros sobe
desajeitado e disperso como neblina.

Que venha o vento, que a minha casa arda
melhor do que uma floresta de resinas;
que caíam vermelhos e oblíquos
o moinho e a torre madrina.
A minha noite, apressada pelo fogo,
que a minha pobre noite não chegue ao dia!

E **um grande amor de juventude que se suicida**, como o de Romelio; **além do suicídio de um grande amigo escritor** e da sua esposa; **além do suicídio do seu filho adotivo, deixa** inevitavelmente **sequelas profundas**. E não é que se tenha procurado isso, simplesmente há pessoas a quem, infelizmente, cabe viver vidas especialmente difíceis. Caprichos do destino. Destino funesto. E o de Gabriela foi um deles.

2.3.2.2. Gabriela Amou Mulheres

Falar-se-á aqui de três mulheres com nomes e apelidos. Os amores que Gabriela lhes profesou são difíceis de classificar, pois nenhuma delas foi a sua esposa oficial. No entanto, as três têm um fio condutor comum: todas as três a acompanharam de forma essencial e a apoiaram.

2.3.2.2.1. Laura Rodig

A **partir do suicídio do seu primeiro amor, já não** foram muitos os homens que **acompanharam Gabriela nas suas viagens e percurso de vida**; em vez disso, ela preferiu rodear-se do carinho curativo das mulheres. A primeira de quem se conservam nome e apelido é Laura Rodig. Gabriela conhecera Laura Rodig em Punta Arenas, em 1918. Laura seguiu Gabriela em 1922 para o México a bordo do *Orcota*.

Gabriela dedicou-lhe, ainda em vida, o poema que abre «Desolação» à mulher que, na altura, provavelmente partilhava a vida com ela: Laura Rodig. E isso é o essencial: partilhar a vida. E este poema abre a primeira das oito partes em que «Desolação» está dividida. Uma primeira parte que se intitula «Vida».

O PENSADOR DE RODIN

Com o queixo apoiado na mão áspera,
o Pensador lembra-se de que é carne do osso,
carne fatal, nua perante o destino,
carne que odeia a morte, e estremeceu de beleza.

E estremeceu de amor, toda a sua primavera ardente,
e agora, no outono, afoga-se na verdade e na tristeza.
O «temos de morrer» passa-lhe pela testa,

em bronze agudo, quando a noite começa.

E na angústia, os seus músculos fendem-se, sofredores.

Cada sulco na carne enche-se de terrores.

Racha-se, como a folha de outono, perante o Senhor forte

que o chama nos bronzes... E não há árvore torcida

pelo sol na planície, nem leão de flanco ferido,

tão tenso como este homem que medita sobre a morte.

2.3.2.2.2. Palma Guillén

Palma Guillén foi outra amiga de Gabriela. Gabriela dedica-lhe o seu terceiro livro de poesia, publicado em 1938, «Tala». A belíssima dedicatória desse livro diz textualmente: «A Palma Guillén, e nela, à piedade da mulher mexicana». Sabe-se que Palma adotou o filho de Gabriela e que ambas o criaram juntas. E ambas estavam juntas em Petrópolis quando o jovem se suicidou.

2.3.2.2.3. Doris Dana

A última companheira que esteve ao lado de Gabriela desde 1946 até à morte desta em 1957, ou seja, nos seus últimos onze anos de vida, Doris Dana, foi também quem preservou o seu legado mais valioso. Quando se conheceram, Doris tinha 26 anos e Gabriela 57, uma diferença de 31 anos.

A Doris foi outra grande mulher: a primeira profissional do seu género a elaborar um programa de reeducação para a Alemanha do pós-guerra, em 1945. O mesmo ano em que a Gabriela recebeu o Prémio Nobel.

O legado mais importante de Mistral é aquele que Doris Dana compilou incansavelmente, sobretudo a partir do momento em que percebeu que Gabriela estava a partir. Já nessa altura, Doris Dana estava ciente não só de que a vida de Gabriela Mistral era limitada devido à diabetes e aos problemas cardíacos de que Gabriela sofria, mas também de que Gabriela viria a ser uma figura muito importante um dia.

Por isso, Doris começou, no início dos anos 50, a registar minuciosamente cada conversa que tinha com a poetisa. Além disso, reuniu as suas cartas e milhares de ensaios literários que, tendo sido escritos por uma mulher de tão grande visão e sensibilidade, são verdadeiras joias.

Quando Gabriela faleceu no Hospital de Hempstead, em Nova Iorque, a 10 de janeiro de 1957, vítima de um cancro no pâncreas, com Doris Dana ao seu lado, **Gabriela sabia que o seu legado ficava nas mãos da melhor executora testamentária do mundo. Esse legado, construído com amor, por e para o amor, foi guardado por Doris até à sua morte, em novembro de 2006.**

2.3.2.2.4. Especulações sobre o lesbianismo

Tem havido muita especulação sobre se Gabriela Mistral era lésbica numa época em que o lesbianismo e a homossexualidade eram mal compreendidos.

Atualmente, pelo menos na Europa, isso já é coisa do passado. Em Espanha, a histórica Lei n.º 13/2005, de 1 de julho, que altera o Código Civil em matéria de direito ao casamento, fez com que o país se tornasse o terceiro da Europa, a seguir à Bélgica e aos Países Baixos, a autorizar que lésbicas e homossexuais contraíssem matrimónio, caso assim o desejassem. Em termos de direitos civis, foi uma verdadeira revolução, uma revolução fantástica.

E o que fez a Gabriela na cama, se é que a partilhou, com as mulheres que a acompanharam na sua vida? Pois **que fizesse o que lhe apetecesse**. Se a Gabriela e a Doris, ou a Gabriela e a Palma, ou a Gabriela e a Laura fizeram, no seu tempo livre, algo que pudesse ser considerado promíscuo, isso é com elas.

Embora, durante a vida de Gabriela, tenham circulado rumores no Chile sobre a sua suposta relação lésbica com a Doris, e se diga que esses rumores chegaram aos ouvidos de Gabriela e que esta, magoada, decidiu não voltar a estabelecer-se na sua pátria, preferindo permanecer nos Estados Unidos, o que é certo é que **a Doris negou**, até ao fim dos seus dias, **que tivesse existido uma relação lésbica entre elas**.

Por isso, considera-se que **o livro publicado no Chile em 2009 sobre a Doris e a Gabriela é desprezível**. Esse livro intitula-se «Niña Errante» e foi publicado pela editora Lumen do Chile, com transcrição, prólogo e notas de Pedro Pablo Zegers, conservador do Arquivo do Escritor da Biblioteca Nacional do Chile, com base em 250 cartas que Zegers selecionou da correspondência entre Gabriela e Doris, essa mesma correspondência que Doris tinha guardado com honra até à sua morte e que só chegou ao Chile no final de 2007. **Esse livro pode ser considerado uma afronta à dignidade**, nem que seja apenas porque permite extrair estas citações de palavras que Gabriela dirige a Doris e que, desde 2009, inundam a parte nociva da Internet: «Doris, estou nos Estados Unidos por tua causa»; «Sou tua em todos os lugares do mundo e do céu»; e «Talvez tenha sido uma loucura muito grande deixar-me levar por esta paixão».

E para tentar demonstrar o que se afirma, reproduz-se a seguir um poema de uma grande poetisa dominicana; professora universitária na Universidad Autónoma e de Santo Domingo (UASD); mãe de duas filhas e avó de quatro netos; há algum tempo lésbica; e que publicou em antologias lésbicas. No seu poema «Mulheres...», do livro de poesia «Éxtase Mágico», é possível apreciar a diferença de tom entre o «Amor de Mãe do Mundo» de Gabriela e o «Amor de Mulher do Mundo» de Nelsy Aldebot Reyes.

MULHERES...

Mulheres belas
cheias de fogo e vigor
olhos grandes, sensuais
brincando com a dança do amor
dançando livremente
levantando voo...

Fogo interior
liberdade para fluir
juntas, sozinhas, com outras...

Mulheres dançantes, amantes

a rodopiar
numa dança mágica de lenços
cabeleiras, ancas...

A voar, a flutuar,
sem obstáculos
sem tropeços
sem limites...

Sonho erótico
fantasia exótica
fluindo pelo mar e pelo vento
a recolher energia terrestre
transformando-me numa
mulher rica, bela
erótica, sensual...

2.3.2.3. Gabriela Amou Todas as Mulheres

Mas Gabriela não amou apenas duas ou três mulheres, mas **amou e compreendeu todas as mulheres do mundo**, como fica claro nos «**Poemas da Mãe Mais Triste**».

POEMAS DA MÃE MAIS TRISTE

EXPULSA

O meu pai disse que me expulsaria, gritou à minha mãe que me expulsaria ainda esta noite.

A noite está amena; à luz das estrelas, eu poderia caminhar até à aldeia mais próxima; mas e se ela nascer nestas horas? Os meus soluços talvez a tenham chamado; talvez ela queira sair para ver o meu rosto banhado em lágrimas. E tremeria ao ar frio, mesmo que eu a cobrisse.

PARA QUE VISTE?

Para que vieste? Ninguém te amará, embora sejas lindo, meu filho. Embora sorrias graciosamente, como as outras crianças, como o mais novo dos meus irmãos, ninguém além de mim te beijará, meu filho. E embora as tuas mãozinhas se agitem à procura de brinquedos, não terás para as tuas brincadeiras senão o meu seio e o fio das minhas lágrimas, meu filho.

Para que vieste, se aquele que te trouxe te odiou ao sentir-te no meu ventre?

Mas não! Vieste por mim; por mim, que estava sozinha, sozinha mesmo quando ele me oprimia entre os seus braços, meu filho!

E estes «Poemas da Mãe Mais Triste», que constituem a segunda parte do «Poema das Mães», têm um *subtexto* que, como na altura a palavra ainda não existia, Gabriela

chamava, modestamente, como tudo o que era dela, de «nota» e que explica a génese do poema.

NOTA.- Uma tarde, ao passear por uma rua miserável de Temuco, vi uma mulher do povo, sentada à porta da sua cabana. Estava prestes a dar à luz, e o seu rosto revelava uma profunda amargura.

Um homem passou por ela e disse-lhe uma frase brutal, que a fez corar.

Senti, naquele momento, toda a solidariedade do género, a infinita compaixão da mulher pela mulher, e afastei-me pensando:

-É uma de nós que deve dizer (uma vez que os homens não o fizeram) a santidade deste estado doloroso e divino. Se a missão da arte é embelezar tudo, numa imensa misericórdia, por que razão não purificámos isto, aos olhos dos impuros?

E escrevi os poemas que precedem, com uma intenção quase religiosa. Algumas dessas mulheres que, para serem castas, precisam de fechar os olhos à realidade cruel, mas fatal, fizeram destes poemas um comentário mesquinho, o que me entristeceu, por elas próprias. Chegaram mesmo a insinuar-me que os retirasse de um livro.

Nesta obra egocêntrica, minimizada aos meus próprios olhos por esse egocentrismo, tais prosas humanas talvez sejam a única coisa em que se canta a Vida na sua totalidade. **Deveria eliminá-las?**

Não! Aqui ficam, dedicadas às mulheres capazes de ver que a santidade da vida começa na maternidade, a qual é, portanto, sagrada. Que sintam a profunda ternura com que uma mulher que cuida pelos filhos alheios nesta Terra olha para as mães de todas as crianças do mundo!

A primeira parte dos «Poemas das Mães» é composta por 17 nano-contos poéticos, entre os quais se destaca «**Ao Marido**», escrito por uma mulher que decidiu nunca se casar e que bem poderia ensinar a todos os homens do mundo como uma mulher deseja realmente ser amada pelo seu marido durante a gravidez.

AO MARIDO

Marido, não me apertes. Fizeste-o brotar do fundo do meu ser como um lírio das águas. Deixa-me ser como água em repouso.

Ama-me, ama-me agora um pouco mais! Eu, tão pequena!, duplicar-te-ei pelos caminhos. Eu, tão pobre!, dar-te-ei outros olhos, outros lábios, com os quais desfrutarás do mundo; eu, tão terna!, abrir-me-ei como uma ânfora pelo amor, para que este vinho da vida se derrame de mim.

Perdoa-me! Sou desajeitada ao andar, desajeitada ao servir a tua taça; mas foste tu que me encheste assim e me deste esta estranheza com que me movo entre as coisas.

Sê-me mais doce do que nunca. Não agites ansiosamente o meu sangue; não agites a minha respiração.

Agora sou apenas um véu; todo o meu corpo é um véu sob o qual há uma criança adormecida!

2.3.2.4. Gabriela Amava Todos os Povos

Como prova de que Gabriel sempre teve consciência política e de que amava toda a humanidade, gostaria de destacar um poema que escreveu «Ao povo hebreu» após os massacres na Polónia, incluído no seu livro de poemas «Desolação», também, infelizmente, sem data.

AO POVO HEBRAICO

Raça judaica, carne de dores,
raça judaica, rio de amargura:
tal como os céus e a terra, dura
e continua a crescer a tua selva de clamores.

Nunca deixaram as tuas feridas arejarem-se;
nunca deixaram que se estendesse sobre ti, para te dar sombra,
para apertar e renovar a tua ligadura,
mais do que qualquer rosa avermelhada.

O mundo adormeceu ao som dos teus gemidos.
E brinco com os fios do teu choro.
As rugas do teu rosto, que tanto amo,
são como feridas profundas feitas por uma serra.

Tremendo, as mulheres embalam o seu filho,
tremendo, o homem ceifa o seu feixe.
No teu sonho instalou-se o pesadelo
e a tua palavra é apenas o «miserere»!

Raça judaica, e ainda te resta peito
e voz de mel, para louvar os teus lares,
e entoar o Cântico dos Cânticos
com língua, lábios e coração derretidos.

Em tua mulher, Maria ainda caminha.
No teu rosto reflete-se o perfil de Cristo;
nas encostas de Sião viram-no
a chamar-te em vão, quando o dia se vai...

Que a tua dor em Dimas o contemplava
e Ele disse a Dimas a palavra imensa
e, para ungir os pés dele, procura a trança
de Madalena e encontra-a ensanguentada!

Raça judaica, carne de dores,
raça judaica, rio de amargura:
tal como os céus e a terra, dura
e cresce a tua vasta selva de clamores!

Diz-se que Dana Doris era judia. Se isso for verdade, terá sido uma mulher judia que ajudou a honrar o seu legado.

2.4. Gabriela, Artista e Mística Moderna

2.4.1. Gabriela, a Artista

Gonzalo Rojas é um dos poucos autores que não só perdoa a Gabriela o seu «mau gosto» por falar de assuntos íntimos e pessoais, como também a elogia. **Gonzalo afirmou, n o sobre Gabriela**, na Antologia das Academias, que o que caracteriza Gabriela é: «veracidade do sentimento, desgarramento afetivo, quase quevediano... visionária... austeridade no fundo do grande pathos... o vulcânico e até o frenético, mas ao mesmo tempo o rigor... não se deixou deslumbrar pelas vanguardas, mas sim permaneceu a ouvir, sem pressa, a língua oral dos seus compatriotas da América, com arcaísmos e murmúrios, como Teresa de Ávila, e assim nos revelou o mundo, entre a vidente e a desdenhosa».

Gabriela foi uma Artista com maiúsculas, pois concebia e venerava a arte livre de mercantilismos. Só uma alma grande nos pode legar o seguinte «**Decálogo do Artista**», a parte «IV» romana, de um poema seu intitulado «A Arte», da sétima parte de «Desolação», secção intitulada «Prosa».

DECÁLOGO DO ARTISTA

- I. Amarás a beleza, que é a sombra de Deus sobre o Universo.
- II. Não há arte ateia. Mesmo que não ames o Criador, afirmarás a Sua existência ao criares à Sua semelhança.
- III. Não darás a beleza como isco para os sentidos, mas como alimento natural da alma.
- IV. Não será para ti pretexto para a luxúria nem para a vaidade, mas sim um exercício divino.
- V. Não a procurarás nas feiras nem levarás a tua obra para lá, porque a Beleza é virgem, e aquela que se encontra nas feiras não é Ela.
- VI. Ela subirá do teu coração para o teu canto e terá-te purificado a ti em primeiro lugar.
- VII. A tua beleza chamar-se-á também misericórdia e consolará o coração dos homens.
- VIII. Entregarás a tua obra como se entrega um filho: derramando sangue do teu coração.
- IX. A beleza não será para ti um ópio adormecedor, mas sim um vinho generoso que te inflame para a ação, pois se deixares de ser homem ou mulher, deixarás de ser artista.
- X. De toda a criação sairás com vergonha, porque ela foi inferior ao teu sonho e inferior àquele sonho maravilhoso de Deus, que é a Natureza.

2.4.2. Gabriela, a Mística Moderna

Talvez porque a maioria dos homens nunca compreendeu a vertente mística e divina das mulheres, ou de outros homens — aqueles e aquelas que realmente utilizam o hemisfério direito do cérebro e não apenas a metade racional esquerda —, talvez por isso lhes surpreenda, tal como a Gonzalo Rojas, que Gabriela Mistral fosse apaixonada

por Amado Nervo e lhe tivesse dedicado uma elegia póstuma intitulada «**In Memoriam**». E Rojas questiona-se em «la Antología », de 2010, e cito: «O que a poderá ter fascinado nele, senão o culto do ocultismo e do esoterismo?». E eu considero que, precisamente porque Rojas é incapaz de se ligar a essa vertente mística, se permite escrever esses comentários. E por isso, apesar de Rojas ser um dos grandes nomes da literatura chilena e ibero-americana, alguém que se codeia com Pablo Neruda, parece incapaz de compreender e venerar a mística feminina.

Não esqueçamos que, na versão original de «Desolação», Gabriela não só elogiava a mística de Nervo, como havia um belíssimo poema em prosa intitulado: «**Comentários aos Poemas de Rabindranath Tagore**»; e Tagore foi o primeiro homem não europeu (era indiano, dela Índia) a receber um Prémio Nobel da Literatura; conseguiu-o já em 1913, enquanto nenhum norte-americano o conseguiria até 1930 e nenhum africano até 1986; e conquistou esse Prémio Nobel precisamente pela sua poesia mística.

A seguir, reproduzimos o seu poema «**O Suplício**», que encerra a sua maldição mística e visionária.

O SUPLICIO

Há vinte anos que estou afundado na carne
—e o punhal está quente—
um verso enorme, um verso com cristas
de maré alta.

Ao acolhê-lo submissamente, as entranhas
cansam a sua majestade.
Com esta pobre boca que mentiu
Deve-se cantar?

As palavras efémeras dos homens
não têm o calor
das suas línguas de fogo, do seu vivo
vibração.

Como um filho, com a essência do meu sangue
ele sustenta-se,
e um filho nunca mais bebeu sangue no seio
de uma mulher.

Que dom terrível! Que dor lancinante
que faz uivar!
Aquele que veio cravá-lo nas minhas entranhas
tenha piedade!

Para homenagear a faceta mística de Gabriela Mistral, transcreve-se um poema de um homem que pode ser considerado o melhor poeta diplomático espanhol de todos os tempos: o basco Ramón de Basterra y Zabala.

CHAMA ROMANCE OS ASCETAS

Castela, a Tebaida ardente.
Com o saco de penitente
e o cordão piedoso à cintura,
seres de brasas, almas de fogo,
vivem na paz mística,
com os rostos voltados para o alto.

Fugindo do doce e do terno,
mergulham audaciosamente no eterno,
sem esposa, mãe nem irmã.
Assim contam os rostos da lua,
os astros da noite escura,
a grandeza misteriosa de Deus.

Da paz das almas belas
e da harmonia das estrelas,
Cristo, o harmonizador, é o agente.
A ordem do mundo prevista
é Cristo, Cristo, Cristo, Cristo.
Castela, a ardente Tebaida.

E Gabriela, apesar de não ser castelhana, foi «uma alma de fogo», «mística», que «fugiu do doce e do terno» para exaltar as injustiças do mundo. **Gabriela foi, acima de tudo, a grande mística do século XX na língua espanhola** e, por isso mesmo, uma grande incompreendida.

E Ramón de Bastera também não foi profeta na sua terra. Morreu em 1928 a os quarenta anos num centro psiquiátrico basco.

2.5. Nem Gabriela, como nunca nenhuma mulher o foi em vida, foi «profeta» nem «na sua terra» (Chile), nem no seu domínio (a poesia)

Entretanto, o tempo foi sarando as feridas de um Chile convulso e, quando Doris Dana faleceu em novembro de 2006 e a sua sobrinha Doris Atkinson doou ao Governo do Chile o legado completo de Gabriela Mistral — já que a magia existe e as Américas são mágicas —, **nessa altura uma mulher, outra mulher extraordinária, já era presidente do Chile: Michelle Bachelet.**

Quando o legado de Gabriela Mistral, mais de 40 000 documentos, cuidadosamente compilados por Doris Dana, chegou ao Chile em dezembro de 2007, Michelle já era presidente e o legado de Gabriela pôde ser acolhido na sua justa medida. Esse legado encontra-se atualmente nos arquivos da Biblioteca Nacional do Chile.

Mas acolher um legado já no final do ano de 2007, de uma mulher que faleceu em 1957, não é sinónimo de homenagem. Tal como não foi uma forma de a honrar aquele Prémio Nacional de Literatura que, com relutância e atraso, lhe foi atribuído no Chile em 1951, seis anos depois do Prémio Nobel. Nem aquele primeiro doutoramento honoris causa que a Universidade do Chile lhe concedeu em 1954, também com

relutância e atraso, após os muitos que ela já tinha recebido até então, a começar pelo que lhe foi corajosamente concedido pelo Mills College de Oakland (Califórnia, EUA) em 1947 e ao qual se seguiram doutoramentos honoris causa de universidades da Guatemala, de Los Angeles (Califórnia, EUA) ou de Florença (Itália), apenas para citar alguns da avalanche que se seguiu à atribuição do Prémio Nobel.

No entanto, **o Chile ainda não valorizou na devida medida** a joia que nasceu das suas entranhas: Gabriela Mistral, e **o mundo ibero-americano, incluindo o espanhol, também não**, apesar daquela «Antologia Homenagem» de 2010, repleta de análises de grandes especialistas, mas na qual se sente a falta de um índice que enumere não só as análises dos especialistas, mas, sobretudo, os poemas de Gabriela.

Em contrapartida, o mundo em geral, o mundo mais vasto, o mundo não ibero-americano — esse mundo escandinavo, esse mundo anglo-saxónico, esse mundo global — sabe sim o que Gabriela vale, pois, apesar de, em muitos casos, não falarem espanhol e, por isso, perderem a melhor parte de Gabriela, apesar de tudo isso, **souberam intuí-la, valorizá-la e honrá-la como ela merece: com o Prémio Nobel da Literatura**, a 10 de dezembro de 1945.

No mesmo ano, 1945, em que, a 2 de setembro, se pôs oficialmente fim à maior barbárie que a humanidade conhecera até então: **a Segunda Guerra Mundial. E quem sabe se esse Prémio Nobel, precisamente em 1945, não terá sido um ato através do qual o Mundo lavou o seu «karma»** [conceito indiano da Índia, que não é hinduísta, pois é partilhado com jainistas e budistas, e que significa as «dívidas vitais pendentes de pagamento»] **para com as mulheres do mundo**, pela quantidade de filhos e filhas que lhes arrebatou durante aquela insana Segunda Guerra Mundial, **atribuindo-lhe, pela primeira vez em la Historia, um Prémio Nobel de Poesia a uma mulher**, e ainda por cima a uma mística moderna que escrevia poesia em espanhol e era, há apenas doze anos, uma modesta cônjuge de cônsul, mas que tinha sido uma pedagoga extraordinária e sempre autodidata. O cúmulo da serendipidade.

Uma universidade privada, uma das primeiras do Chile, também leva, desde 1981, o nome de Gabriela Mistral: **a Universidade Gabriela Mistral**.

3. CONCLUSÃO: GABRIELA MISTRAL, A GRANDE PROFESSORA, CÔNSULE, MULHER, POETISA E MÍSTICA MODERNA, TUDO ISSO EM MAIÚSCULAS

E concluo com algumas reflexões pessoais.

Para que a homenagem àqueles que merecem ser homenageados nunca cesse, quis-se homenagear Gabriela Mistral, tentando, pelo menos, homenageá-la como ela merece, ou seja, sem preconceitos e com muito amor.

Sinto-me, e sempre me senti, muito identificada com Gabriela Mistral. **As nossas vidas tiveram os mesmos quatro eixos orientadores de que falei até agora**: nascer com vocação literária [o seu primeiro prémio literário foi-lhe atribuído pela FECH, o meu pelo Instituto Miguel Hernández de Alicante]; ser professoras [eu sou professora particular de línguas desde os 13 anos, ela professora desde os 16]; ser diplomáticas [sou diplomata desde os 26 anos e o meu primeiro cargo no estrangeiro foi o de cônsul da Espanha em Sófia; ela foi cônsul do Chile desde os 44 anos até à sua morte, aos 67];

e ambas somos duas místicas modernas e, por conseguinte, duas grandes incompreendidas pelo *establishment* masculino que nos rodeia — ela até 1957, ano em que se libertou, e eu até aos dias de hoje.

E também tivemos um quinto eixo orientador em comum. E embora seja muito menos óbvio do que os anteriores, na minha opinião é o fundamental, e é que ambas tivemos sempre o mesmo objetivo: **denunciar as injustiças do mundo que nos rodeia** e, através dessa denúncia, tentar **melhorar** o nosso mundo, o mundo de todos e de todas. **Esse mundo que quase sempre foi de todos e quase nunca de todas.**

A Gabriela tentava fazê-lo com os seus poemas. E apesar de os seus poemas serem e continuarem a ser de uma beleza e requinte sublimes, por escrever sobre, por e para as mulheres, e para os filhos e filhas dessas mulheres, os homens muito espertos do seu Chile natal criticaram-na duramente, chamando de «mau gosto» o facto de ela expor a roupa suja das vicissitudes das mulheres, das meninas e dos meninos.

E Gabriela Mistral morreu, pouco antes de completar 68 anos. E se a Vida me concedesse tanto tempo de vida, eu gostaria de fazer o mesmo que ela: **lutar e continuar a lutar, apesar da incompreensão, pelos direitos daqueles que não têm voz**, nós que temos o privilégio de a ter.

E eu, como mulher que sou, e como mulher que muito sofreu; e como mulher que, apesar disso ou precisamente por isso, sou acima de tudo uma lutadora pela liberdade, tal como o era a Gabriela, concluo, pois, dizendo-vos a minha opinião sobre a Gabriela: **Gabriela Mistral escreveu os versos mais belos que alguém alguma vez escreveu na língua castelhana.**

Da mesma forma que **considero que Anne Sexton**, outra mulher das Américas, do outro lado do Atlântico, **escreveu os versos mais belos que alguém alguma vez escreveu na língua inglesa**. O que terão as Américas? Magia, muita magia. E a Anne Sexton viram-lhe tirar as duas filhas, internadas em dois institutos psiquiátricos diferentes, e deram-nas para adoção; e ela acabou por se suicidar aos 46 anos.

E concluo com um sonho. **O meu sonho é que nenhuma menina, nem nenhuma mulher, morra vítima de crimes de honra ou de feminicídios**. Espero poder lutar com entusiasmo, coração e vontade — que é o que aprendi com Gabriela Mistral — para dar o meu granel de areia para esse fim.

BIBLIOGRAFIA

Aldebott Reyes, N.: «Éxtasis Mágico», Editora Búho, Santo Domingo, 1999.

Associação das Academias da Língua Espanhola. «En Verso y Prosa. Antología de Gabriela Mistral». Impresso no Peru. 2010.

Belli, G: «Apogeo», Visor Libros, Madrid, sexta edição, 2009.

Campoamor, C.: «A Revolução Espanhola Vista por uma Republicana», Edições Espuela de Plata, 2005.

Duque, A.: «Rimas en Claro. Primeira Antologia de Poetas Diplomáticos do Século XX», Editorial Dos Soles, Burgos, 2004 [aqui encontra-se o poema de Ramón Bastera y Zabala que reproduzo neste texto; trata-se de uma antologia que termina com um poema meu].

Mistral, G.: «Desolação», Espasa Calpe S.A., sexta edição, 1983.

Neruda, P.: «Vinte Poemas de Amor. Cem Sonetos de Amor», editora Planeta, fevereiro de 1984.

Oliver Labra, C.: «Error de Magia», Editorial Letras Cubanas, 2004.

Zweig, S.: «O Mundo de Ontem», Editorial Acantilado, Barcelona, 2002.

Gerardo Hernández Roa: <https://villagrimaldi.cl/noticias/fallece-gerardo-hernandez-roa-sobreviviente-de-villa-grimaldi/>